

**FERREIRA, Alberto — Diário de Édipo, Lisboa, Seara Nova
Editora, 3.º ad. 1971, 239 pp.**

Sai a lume a terceira edição, aumentada e corrigida, e agora prefaciada por Maria Lúcia Lepecki, deste *Diário de Édipo*, de Alberto Ferreira, dos mais lúcidos ensaístas da Literatura Portuguesa na atualidade.

É difícil classificar este livro, pois embora ela apresente o título de *Diário de Édipo*, indiscutivelmente participa do diário, da ficção, da poesia, de ensaio em variadas direções.

Diário de Édipo compreende os seguintes capítulos: “Prelúdio”, “Corram os mais jovens da tribo”, “Na penumbra da esperança”, “Quem não se espanta com a grandeza do sol”, “Somos os intocáveis de uma nova era” “Sossega, coração desesperado”, “Também há horas disponíveis para o coração”, “O florir do encontro casual”, “Por que não ris, cotovia?”, “Chegaste como uma rosa de harmonia”, “Idílio”, “Até que uma chama mais leve e ligeira”, “Atravesso a terra carregado de conflitos”, “O bem e o mal”, “Em nós ressoa o trovão da imensa voz”, “Melhor fora que não tivesse nascido”, “Não renuncio à claridade só porque escolhes a obscura via...”, “O verdadeiro deve ser pensado, o bom deve ser feito”, “O belo deve ser apreciado”, “Vadear com pontes o rio da vida”, “Como pode responder o que é quem ainda não é?”, “A água do rio não torna à nascente”, “Algo se prolonga para lá da necessidade”, “Com a Europa em frente”, “A hora da Europa”, “As pequenas visões do mundo”, “Ninguém se descobre na indiferença”, “Conheceis o país real”, “Buscando nos encontramos”, “O grito lúcido”, “As pequenas prepotências”, “Fuga e clausura”, “Um pequenino passo para a igualdade civil”, “Elegia”, “Morrem os filhos da luz”, “O lume do prisioneiro brilha na treva esquecida”, “A espera alucinada”, “A cidade não escuta”, “Só as palavras são quase iguais”, “Uma flor para si...”, “Todos fazemos a história”, “Eis que se me perfila o tempo futuro”, “O trânsito”, e “Epílogo”.

Alberto Ferreira em todos os capítulos se revela excelente pensador e perfeito analista dos graves problemas que afligem a criatura humana: a justiça, o homem, os problemas políticos e sociais, a miséria da guerra, a mulher, Deus, a poesia de Fernando Pessoa, a relatividade da vida e da morte:

Porque não hei-de aceitar alegremente o provisório da vida se a morte é irremediável? Por que opor à alegria a trágica inquietação da morte? Por que não hei-de reconhecer o provisório da infância se dela algo me fica na recordação? Só a morte não recorda a vida... Concordemos então que, enquanto vivemos, há sempre um provisório que se perpetua na memória. (p. 232)

Volta à alegria das origens, à infância, à mulheres para Alberto Ferreira a nossa única salvação, à paz, este *Diário de Édipo* nos propõe

vários problemas mas também é um livro de um ensaísta, que vibrando com a vida, encontrou a sua verdade e no-la propõe.

A certa altura, Alberto Ferreira afirma que seu livro se constitui em uma nova maneira de ensaiar o ensaio, e na verdade opera-se o ensaio de um novo humanismo, uma revisão dos valores, e dos in-valores humanos, para que ele possa reencontrar-se consigo e com seus semelhantes. Isto nota-se sempre por certas frases conclusivas, que volta e meia aparecem em *O Diário de Édipo*:

“Nada está escrito, pois somos nós que escrevemos o destino” (p. 40), “Compreendi que as palavras não vencem a soldão.” (p. 20), “Ainda que mal saibamos o que seja o homem integral, e por isso mesmo, cumpre interrogar a sua condição.” (p. 235). “Busco. Que busco eu? O erro dos outros? O meu erro? A verdade dos outros? A minha verdade?” (p. 1.7). “Cada ser humano é um meio e um fim” (p. 145). “O homem é o meio de se transformar em fim” (p. 145).

Pela agudeza das observações em torno da justiça humana, da miséria da guerra, do grandioso destino do humano, da importância e da grandeza da mulher, do sempre eterno valor da poesia, dos problemas sociais, é que Alberto Ferreira enriquece enormemente o ensaísmo português, num livro que com o mesmo brilho participa do ensaio, da poesia, do diário, da ficção. Obra indispensável para os interessados no ensaísmo e na literatura de hoje e de sempre.

JOÃO DECIO